PRÁTICAS AUTOBIOGRÁFICAS NA UNIÃO SOVIÉTICA: LÍDIA GUINSBURG E IEVGUÊNIA GUINSBURG

AUTOBIOGRAPHICAL PRACTICES IN SOVIET UNION: LYDIA GINZBURG AND EVGENIA GINZBURG

Giuliana Teixeira de Almeida[1]

Resumo: O século XX na Rússia foi marcado por muitos eventos que geraram traumas coletivos, como, por exemplo, as guerras, os expurgos stalinistas, as fomes etc. A escrita foi um recurso utilizado pelos membros da intelligentsia russa para lidar com situações difíceis e traumáticas. Este artigo analisa duas obras de caráter autobiográfico de autoria de Lídia Guinsburg e Ievguênia Guinsburg, a primeira sobre a experiência de sobreviver ao Cerco de Leningrado e a segunda sobre a experiência de sobreviver à prisão e à vida nos campos de trabalhos forçados na época do stalinismo. Ambos os textos expressam o sentimento de quem teve a vida pessoal talhada pela História e encontrou na escrita autobiográfica uma maneira de documentar e elaborar a experiência de um passado compartilhado.

Palavras-chave: Autobiografias. URSS. Intelligentsia.

No século XX – os cem anos nos quais o "horror engolfou a História" (Sevcenko, 2001:16) - foram produzidos muitos textos de caráter autobiográfico nas mais diferentes tradições culturais. Esse fenômeno notável aponta para um desejo comum de narração e compartilhamento da experiência vivenciada. Aqueles que viveram (e sobreviveram) a tantos conflitos bélicos, ditaduras sanguinárias, crimes e atrocidades que marcaram a "Era dos Extremos", recorreram aos testemunhos autobiográficos para chamar a atenção para os efeitos de tantos horrores históricos sobre as trajetórias individuais. Como afirmou Ruth Kluger, a autobiografia "é a forma mais subjetiva de historiografia" (Kluger, 2009: 24) e, por conseguinte, o século dos regimes fascistas, comunistas e das ditaduras latino-americanas foi marcado pela emergência de inúmeros relatos autobiográficos.

Naturalmente, um dos lugares onde, no século XX, a propagação de textos autobiográficos foi muito expressiva foi a União Soviética. Episódios como a Revolução Russa, a Guerra Civil, o Stalinismo, a Segunda Guerra Mundial, etc. justificam a profusão de textos a respeito da vida em meio a esses acontecimentos. Além de garantir a sensação de

[1] Doutora em Letras, Mestre em Letras e Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Email:giualmeida@yahoo.com.br.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

pertencimento àqueles que escreveram narrativas sobre suas experiências, o ato de registrar a vida operava como uma maneira de lidar com situações difíceis, superar traumas, recuperar a memória daqueles que não resistiram, elaborar melhor o passado e refletir sobre o eu que se constitui no momento da escrita. O principal que esses autores e autoras soviéticos expressaram nesses textos foi o sentimento de quem teve a vida pessoal talhada pela História.

Um exemplo bastante ilustrativo pode ser levantado a partir de um evento da história russa do século XX que consistiu em uma grande tragédia nacional. Trata-se do cerco de Leningrado, que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial e submeteu os moradores da cidade às mais terríveis privações e dificuldades. Leningrado (atual São Petersburgo) ficou cercada pelas tropas de Hitler de 8 de setembro de 1941 até 27 de janeiro de 1944, num total de 872 dias, levando à morte de aproximadamente 1,4 milhão de pessoas que residiam ou lutavam pela cidade.

Este episódio (um dos muitos episódios traumáticos da história da Rússia) foi evocado em inúmeros textos de caráter autobiográfico, tendo em vista que "Leningraders seen to have a sense of History, and a great many of them from all walks of life kept diaries during those trying years" (Goure, 1972: 432)[2]. Uma vez que um profundo senso de historicidade era uma das principais marcas da intelligentsia[3], os autores de diários ou outros gêneros autobiográficos sobre a vida durante o cerco de Leningrado eram na sua maioria continuadores dessa tradição russa. Considerando que "Memoir writing promised a sense of self and a membership in history's favorite class: the intelligentsia" (Paperno, 2009: 12)[4], por uma via os leningradenses deixavam registradas suas experiências por acreditarem no valor histórico das mesmas, e por outra via atestavam o seu pertencimento à comunidade de habitantes da cidade cercada e à comunidade da intelligentsia russa.

É isto que se observa em um texto de caráter autobiográfico escrito por uma importante intelligent russa soviética, muito pouco conhecida e traduzida no Brasil: Lídia Guinsburg. Guinsburg nasceu em Odessa no ano de1902 e faleceu em 1990 na cidade de São Petersburgo, onde viveu a maior parte da sua vida. Escritora e crítica literária, se notabilizou

[2] "Os habitantes de Leningrado [leningradenses] pareciam ter senso histórico, e muitos deles, independentemente do estilo de vida, mantiveram diários durante esses anos penosos".

[3] A *intelligentsia* é um extrato da sociedade russa normalmente associada à categoria social dos intelectuais. A intelligentsia foi assim denominada no século XIX, e configurou-se como um grupo de pessoas de vasta cultura livresca que almejava transformar a sociedade russa, uma vez que os membros desse grupo eram adversários do autoritarismo e das arbitrariedades da autocracia russa. Durante o século XX os membros da intelligentsia mantiveram viva essa postura combativa, dessa vez no contexto do autoritarismo soviético.

[4] "A escrita memorialística prometeu um senso de si e pertencimento histórico para a classe favorita da história: a intelligentsia".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

no Ocidente por causa dos seus trabalhos sobre prosa psicológica e sobre gêneros intercalados, como cartas, diários e memórias. Também escreveu textos de caráter autobiográfico sobre a experiência de ter sobrevivido ao cerco de Leningrado, como é o caso do *Diário do Cerc*o, que será examinado nesse artigo.

Esses exercícios autobiográficos só foram descobertos na década de 1980, e desde então Guinsburg vem sendo estudada e já é considerada uma das principais figuras da literatura russa do século XX. Além disso, Guinsburg se tornou uma heroína literária na atualidade em função da sua vida difícil e dos seus feitos intelectuais. Judia, homossexual, perseguida pelo regime e sem recursos financeiros, Guinsburg só teve os seus escritos de cunho autobiográfico publicados com o esfacelamento da União Soviética, mas a dificuldade de publicar não a impediu de compor uma obra rica e impactante, que por décadas ficou trancafiada em armários e gavetas.

O trauma do cerco de Leningrado vivenciado por Lídia Guinsburg forneceu material para um conjunto de textos, que consistem em interessantes exercícios de escrita de características autobiográficas. Muitos deixaram Leningrado, mas Lídia Guinsburg optou por permanecer ali durante a guerra. Por ter sobrevivido ao cerco, Guinsburg dedicou alguns dos seus escritos ao acontecimento, sendo o mais célebre deles o *Notas do Cerco (ou Notas de uma pessoa cerceada)*, que foi publicado pela primeira vez no ano de 1984, no jornal *Neva,* e atualmente já se encontra traduzido para o inglês, francês e italiano.

Notas do Cerco consiste em um interessante exercício de escrita de si que transita entre alguns possíveis gêneros. Na apresentação do livro *Diário do Cerco*, que reúne alguns textos de Guinsburg sobre o ocorrido, entre eles o *Notas do Cerco*, aparece o termo "ficção documental". Irina Paperno afirma que a intelligent russa criou um gênero novo, de fronteiras propositalmente fugidias, que ela intitulou de *Notas*. Para Paperno, o resultado do trabalho de Guinsburg, exercitado em muitos textos, mas cujo ponto de chegada é a obra sobre o cerco, "Was not a memoir (or novel), not a diary, but an 'in between' (her word) pseudo-genre: a collection of loosely dated notes" (Paperno, 2009:6)[5].

E no que consistem essas *Notas* sobre o cerco de Leningrado? Uma análise detida da obra de Guinsburg nos permite afirmar que as *Notas* são uma mistura de narrativas em primeira pessoa em torno de uma personagem ficcional com algumas características semelhantes às da autora; transcrição de diálogos ou situações presenciados na época do

[5] "Não era uma Memória (ou Romance), nem um Diário, mas um pseudo-gênero intermediário (segundo as suas palavras): uma coleção de notas antigas e informais"

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

cerco; aforismas; citações de obras de terceiros; análises sobre situações típicas do cotidiano do cerco (por exemplo, o fato dos alemães bombardearem com pontualidade); pequenos exercícios ensaísticos etc. Tudo isso se encontra mesclado no corpo da narrativa (sem cortes abruptos na passagem de um tema para outro) e consiste em uma nova proposta narrativa. O novo gênero de *Notas* funciona melhor do que outros gêneros já consolidados para a expressão de algo inédito: a análise distanciada da própria experiência em meio aos escombros do século XX. O texto de Guinsburg gira em torno de uma personagem, *N*. O que se sabe desta personagem é que é um intelectual que vive em Leningrado na época do cerco. Na narrativa, a descrição que aparece é a seguinte:

> Something of this is related here. I not only had to show the siege life that was common to all, but also the day-to-day existence of one man. This man is a conventional composite (which is way he is called N.), an intellectual in exceptional circumstances (GINZBURG, 1995: 3)[6].

O fato de Guinsburg também se encaixar nessa descrição chama atenção: ela também era uma intelectual vivendo em meio ao cerco. Aproximações entre autora e personagem são inevitáveis, mas a escolha de Guinsburg funciona como um antídoto à tentação de equiparar autor/narrador/personagem: ela, N. e muitos outros são intelectuais vivendo em meio ao cerco.

Utilizando-se desse artifício, Guinsburg afasta o foco narrativo da sua individualidade e compartilha a sua história com os outros membros do grupo do qual ela faz parte: a intelligentsia. Novamente nos deparamos com a já mencionada comunidade textual da intelligentsia e o imperativo de pertencer através da escrita autobiográfica. O intelligent que realiza o mergulho na própria experiência reforça a sua "filiação" à intelligentsia do século XIX, que é o berço dessa tradição na história intelectual russa, e se afirma entre seus contemporâneos.

Como a sobrevivente que foi, Guinsburg decidiu abraçar a responsabilidade de relembrar. Os parágrafos finais das *Notas*, para além da beleza resultante da feliz escolha da metáfora (quebrar o círculo), falam sobre isso: "To write about a circle is to break the circle.

[6] "Um pouco disso tudo está relatado aqui. Eu não apenas quis mostrar a vida no cerco que era comum a todos, mas também o dia a dia da existência de um homem. Esse homem é uma composição convencional (e por isso ele se chama N.); é um intelectual em circunstancias excepcionais".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

A deed whichever way you look at it. In the abyss of lost time, something found" (Ginzburg, 1995:76)[7].

Porém, Lídia Guinsburg parte da sua experiência para narrar este passado compartilhado e não escreve simplesmente uma monografia histórica, mas um texto que flerta com a autobiografia (mesmo narrando a história de *N.*). Dessa forma, para além do cumprimento de uma responsabilidade perante os outros e perante a História, trata-se também de um dever para consigo, de um imperativo pessoal. Portanto, é possível afirmar que Lídia Guinsburg escreveu sobre a experiência traumática para conseguir sobreviver a ela.

Em um trecho de *Notas* é descrita uma situação na qual N. se refugia junto a alguns desconhecidos na casa de uma mulher durante um bombardeio. O narrador apresenta ao leitor uma conversa travada entre dois homens sobre o efeito destrutivo de estilhaços de bombas, e a dúvida levantada por eles se os estilhaços conseguem ou não atravessar paredes. Nesse ponto entra a fria e sagaz observação, que muitos críticos apontaram como um traço distintivo do estilo de Guinsburg, e o narrador explica que se trata da "[...]male tendency to generalization, especially of a technical nature"[8] (Ginzburg, 1995: 50, 51). Mas, neste caso, a conversa não se elucida somente em função dessa "característica" masculina, pois a situação na qual esse diálogo é estabelecido subverte a sua aparente banalidade. Com a intenção de quebrar expectativas e provocar estranhamento, o narrador de Guinsburg primeiro lança essa observação burocrática, para logo depois arrematar com a seguinte passagem:

> One of them, the less intelligent of the two, is telling some confused story about a block destroyed by two shells six months before. He wants to talk about it because he was there himself and on the point of going into a bread shop in that block and it was only by happy chance that he went elsewhere. He still feels the urge to talk about it, but now he disguises the narrative in the form of an objectively relevant discussion on the penetrative power of a shell (GINZBURG, 1995: 51)[9].

Sem dúvida nessa passagem Guinsburg atinge o efeito desejado – o estranhamento – pois tal sequência, por ser desconcertante, deixa o leitor atônito. Mas nos parece que, ao falar desse rapaz pouco inteligente, o narrador de certa forma fala da própria autora. O que são essas *Notas*, senão um texto autobiográfico disfarçado pelas estratégias narrativas já

[7] "Escrever sobre um círculo é quebra-lo. Uma façanha de qualquer angulo que você olhe para isso. No abismo do tempo perdido, algo foi encontrado".
[8] "[...]tendência masculina à generalização, especialmente referente a algo de natureza técnica".
[9] "Um deles, o menos inteligente dos dois, está contando uma história confusa sobre um quarteirão destruído por duas bombas seis meses antes. Ele quer falar sobre isso porque ele mesmo estava prestes a ir numa panificadora naquele quarteirão e por sorte acabou indo para outro lugar. Ele ainda sente urgência de falar sobre isso, mas no presente momento disfarça a narrativa na forma de uma discussão objetiva e relevante sobre o poder penetrante de uma bomba".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

mencionadas, e cuja existência se justifica pela necessidade de Guinsburg de "falar sobre isso", porque "ele[a] mesmo estava ali", na cidade cercada pelo exército inimigo? A urgência de narrar é uma forma de desafiar a morte. É uma maneira de atravessar tempos difíceis. E é também uma forma de expiação de culpas e remorsos que a vida, em situações limites, tende a provocar.

No caso da obra de Guinsburg, a culpa e o remorso aparecem como um atributo coletivo, comum a todos que viveram a subnutrição e que por esta razão tornaram-se obsessivos com comida. Muitos atos vis são cometidos por pessoas famintas, e o texto de Guinsburg discorre sobre essa especificidade da vida no cerco. A leitura de *Notas* não nos fornece pistas suficientes para saber se Guinsburg carregava ou não alguma culpa ou remorso pessoal que a tenha motivado a escrever sua obra, mas a circunstância nos leva a pensar que ela também deve ter tido comportamentos que geraram culpa e remorso (como a grande maioria dos habitantes da cidade).

A obsessão por comida aparece em muitas passagens das *Notas*. A fome intermitente, as longas filas para a troca de cupons por quantidades irrisórias de alimento aos quais as pessoas tinham direito, o mal estar constante, o risco de morte iminente, tudo isso contribuiu para que os habitantes de Leningrado organizassem as suas rotinas em torno de um só motivo de interesse: a comida. Assim, "the day was organized nowadays around three focal points: breakfast, lunch and supper" (Ginzburg, 1995: 73)[10].

O interesse exclusivo pelas três refeições do dia era acompanhado por outra atividade correlata: o ato de cozinhar. Cozinhar mobilizava a todos os habitantes da cidade, e longe de ser um hábito banal do cotidiano, "Siege cookery resembled art – it conferred tangibility on things"(Ginzburg, 1995: 71)[11]. Por conseguinte, comer e cozinhar eram as atividades mais caras às vítimas do cerco, e a comida, "[...] at one time a constituent part of the day's routine, it turned into the day's routine itself"[12] e por ter galvanizado tudo para si "[...]food had become an intimate and cruel business" (Ginzburg, 1995: 67)[13].

A crueldade e, ao mesmo tempo, a culpa diziam respeito principalmente a algo que a situação impunha: o ato de repartir a comida. Os que viviam com familiares eram obrigados a repartir o pouco que tinham, e isso era fonte de muitos conflitos. No texto consta a seguinte passagem:

[10] "O dia era organizado naquela época ao redor de três pontos centrais: café da manhã, almoço e jantar".
[11] "A cozinha no cerco se assemelhava à arte - era o que conferia tangibilidade às coisas".
[12] "[...]uma vez parte da rotina do dia, tornou-se a própria rotina".
[13] "[...]a comida se transformou num assunto íntimo e cruel".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

> There was an essential difference between those who lived alone – an ever-increasing number, as some members of families died and others were evacuated - and those who had dependents, with their dependent's ration cards which did not stretch to daily soup. The significance of dependents in the existence of siege man out hunting was twofold. It was fateful, often fatal, because the hunter had to share, and in sharing, lived in a perpetual hell of brutality, remorse, cruelty and pity. At the same time, they – those at home – were the last ethical factor in the situation, a social symbol close at hand. Here's one man carrying off his spoils, to swallow them down in silence in his lonely habitation. And here's another who will come home, lay out his catch on the table and fins an ecstatic response (GINZBURG, 1995: 67)[14].

O que agravava em demasia a culpa e o remorso dos homens e mulheres do cerco, que em decorrência da fome e subnutrição relutavam em repartir comida, era o desfecho trágico dessas ações. Muitas vezes a recusa em compartilhar resultava na morte de algum familiar, e elaborar este tipo de culpa não era tarefa fácil.

Em um trecho das *Notas*, o narrador discorre sobre a história de O., um homem do cerco que tinha uma irmã muito mais velha e da qual ele precisava cuidar. Essa irmã consistia num fardo que ele era obrigado a carregar, e a desordem que ela causava em sua vida o irritava profundamente. A convivência era marcada por agressões, explosões e disputas com essa irmã, mas ao mesmo tempo O. tinha a consciência de que a vida sem ela seria insuportável, pois ela era a espectadora das conquistas de O. (referentes à comida), sua companheira e, principalmente, um antídoto ao insuportável silêncio. A presença da irmã tornava O. mais humano. A frase que fecha esse trecho das *Notas* é a seguinte: "Such was the siege story of O., a story of pity and cruelty" (Ginzburg, 1995:68)[15]

É interessante atentar para o fato que Guinsburg desenvolveu alguns outros textos sobre a experiência do cerco, e um deles foi intitulado *Uma história de compaixão e crueldade*. Nessa obra é narrada a relação da personagem principal, Otter, com sua tia idosa chamada Tetka, que, assim como no caso de O. das *Notas,* se encontra sob os cuidados exclusivos de Otter. A relação com a tia não é nada fácil, e é marcada por conflitos em torno da divisão da comida que levam Otter a criticar o fato da velha tia "viver demais" naqueles

[14] "Havia uma diferença essencial entre aqueles que viviam a sós – em número sempre crescente, uma vez que alguns membros da família morriam e outros eram evacuados – e aqueles que tinham dependentes, com os seus cupons de ração para dependentes que não engrossavam a sopa diária. O significado dos dependentes na existência do homem do cerco que ia à caça era ambivalente. Era fatídico, geralmente fatal, porque o caçador tinha que dividir, e ao dividir ele vivia em um constante inferno de brutalidade, remorso, crueldade e comiseração. Ao mesmo tempo, eles – os de casa – eram o último fator ético na situação, um símbolo social ao alcance da mão. Eis um homem carregando seus despojos, para empurrá-los goela abaixo no silêncio do seu lar solitário. E eis um outro que chegará em casa, despejará sua captura na mesa e se deparará com uma resposta extática".

[15] "Esta era a história do cerco de O., uma história de compaixão e crueldade".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

tempos terríveis. A tia é uma representante da antiga classe dominante, que perdeu terreno após a revolução, e Otter é um representante da intelligentsia. Ele sente-se culpado por desejar a morte da tia, culpa esta que se torna insuportável quando este terrível desejo se realiza e ela morre.

A estudiosa Emily Van Buskirk, especialista na obra de Guinsburg, defende que esta narrativa, que aparece um tanto modificada em *Notas* e que depois torna-se a trama principal de *Uma História,* é um exercício de escrita autobiográfica, pois seu material advém da vida de Lídia Guinsburg. Escreve ela: "I believe it to be a slightly fictionalized account of the death of Ginzburg's mother" (Burskirk, 2010: 284)[16].

A mãe de Guinsburg era septuagenária quando morreu de fome durante o cerco. Sua principal cuidadora era Lídia, uma integrante da intelligentsia assim como Otter, e a mãe de Lídia Guinsburg era uma mulher originária de uma família de ricos comerciantes judeus ainda apegada aos valores da sua antiga classe social destronada pela Revolução. A mãe de Guinsburg foi sustentada a vida todo pelo marido e depois pelos filhos, e morava com a filha Lídia em um apartamento comunal em São Petersburgo. Mãe e filha eram muito diferentes uma da outra e a relação das duas era marcada por conflitos, assim como a relação dos personagens das *Notas* e *Uma História*. Com base nesses dados da vida de Lídia Guinsburg, Buskirk afirma que essas narrativas consistem em exercícios autobiográficos disfarçados nos quais Guinsburg elabora sua culpa em relação à morte da mãe.

É interessante atentar para a maneira que Guinsburg dá vazão a sua culpa (se seguirmos a tese de Buskirk). Longe de dissecar sua culpa pessoal, no texto ela chama atenção o tempo todo para uma culpa coletiva. Não importa se na sua vida pessoal ela também carrega essa culpa, seu objetivo ao narrar e estetizar a experiência é examinar a culpa que não é só dela, mas é de todos os homens e mulheres do cerco:

> The siege people forgot their sensations but they remembered facts. (…) Thus siege man thinks about his wife, mother, whose death has made the eaten sweet irrevocable. The mists of malnutrition disperse and the one alienated from himself comes face to face with the objects of his shame and remorse. For those who survived the siege, remorse was as inevitable as the malnutrition changes in the organism (GINZBURG, 1995: 75, 76)[17]

[16] "Eu acredito que isto é uma narrativa ligeiramente ficcionalizada da morte da mãe de Guinsburg".

[17] "As pessoas do cerco esqueceram suas sensações, mas lembram-se dos fatos. (...) Então o homem do cerco pensa na sua mulher, mãe, cuja morte foi provocada pelo irreversível doce comido. Dispersa a névoa da desnutrição, a pessoa alienada de si mesma se vê face a face com os motivos da sua vergonha e remorso. Para aqueles que sobreviveram ao cerco, o remorso era tão inevitável quanto as transformações causadas pela subnutrição no organismo"

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

Portanto, o remorso era inerente a todos os sobreviventes do cerco de Leningrado e se transmutava em um traço da personalidade dos leningradenses.

O termo *leningradense* aparece na narrativa de Guinsburg acoplada à sua explicação, pois é dessa maneira que o narrador se refere às pessoas "carrying out their historical function as Leningraders" (Ginzburg, 1995: 55)[18]. Ou seja, é a ideia de coletivo se sobrepondo à individualidade – naquela situação histórica as individualidades se apagaram diante de uma identidade histórica comum.

Guinsburg fala de uma figura universal, *N*., uma pessoa genérica sem nenhum traço distintivo e sem vida privada. Buskirk analisa esse aspecto nas *Notas* e em outros escritos da autora e afirma que, "[...] in Ginzburg's case, [there is] a move toward typification, rather than individuation" (Burskirk, 2010: 283)[19]. Dessa forma, o eu autobiográfico de Guinsburg, continua Buskirk, "[...]becomes representative of the twentieth-century immanent person, who exists only in situations" (Burskirk, 2010: 304)[20], e por essa razão não se limita àquilo que é próprio do sujeito, pois ele não tem importância enquanto tal, mas sim como uma função na equação da sua época.

A opção pela maneira de narrar feita por Guinsburg serve para reforçar essa abordagem. Ao escolher a narração em terceira pessoa Guinsburg provoca uma quebra na tradicional correspondência entre autor, narrador e personagem. Assim, o efeito narrativo é muito diverso, pois uma vez que há a quebra dessa correspondência que está no cerne de qualquer obra autobiográfica, o narrador – descolado da personagem – toma a liberdade para examiná-la no decorrer de toda a narrativa. Como observou Burskirk,

> The I is often the hidden observer, the analyst, still a kind of unifying presence. Meanwhile, when Ginzburg writes of an autobiographical self, it is usually an observed self (or multiple selves) that is split off from the observing one and held at a distance (BURSKIK, 2010:304)[21].

Tal procedimento pouco usual gera um estranhamento no leitor habituado ao artifício tradicional utilizado em obras autobiográficas, na qual o narrador fala acoplado à personagem

[18] "[...]que estavam empenhando sua função histórica como *leningradense*".
[19] "[...] no caso de Guinsburg, há um movimento muito mais em direção à tipificação do que à individualização".
[20] "[...] se torna representativo da 'pessoa imanente' do século XX, que só existe em situações".
[21] "O eu é frequentemente o observador escondido, o analista, ainda um tipo de presença unificadora. Ao mesmo tempo, quando Guinsburg escreve um eu autobiográfico, geralmente trata-se de um eu observado (ou múltiplos eus), que é apartado do observador e mantido a certa distância".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

e, conjuntamente ao autor que assina a obra, configura-se em um eu coerente e indivisível. A opção por um eu que abarca o coletivo e que emerge em situações de relevância histórica é o que faz a obra de Lídia Guinsburg tão fascinante e fundamental até os dias de hoje.

É possível identificar nas *Notas do Cerco* um sentimento compartilhado pelos intelligents do século XX: a sensação de esmagamento pela História e sua consequente perplexidade imobilizadora diante da época histórica. O materialismo histórico, que convenceu a todos que aquele momento que eles estavam vivendo era o fim da História, foi acompanhado por uma sensação de ausência de saídas que ecoava nos textos do século XX. A impotência e a exasperação diante da História são representadas através de artifícios literários nos textos do século XX e convertidas em testemunhos de vítimas aniquiladas pelo seu tempo histórico. Assim, o texto de Lídia Guinsburg traz o conceito do cerco e com ele a inviabilização de qualquer tipo de vida ordinária, ou mesmo de vontade própria:

> War was the basic content of that world, its total reality. The factual and psychological totality of that war did not allow the scope for evading it that previous wars had. Everyone not directly involved knew (whatever the arguments) that he was cut off from common reality. He could, of course, consider his own life as more important than historical reality but he knew that the choice had been made (GINZBURG, 1995: 96)[22].

Uma vez que "a escolha já tinha sido feita", a realidade do cerco condicionou todas as vidas que se passavam dentro dele a uma destino único, comum e inescapável. E Guinsburg, assim como muitos dos seus contemporâneos leningradenses que compartilhavam um aguçado senso de historicidade, deixaram textos como esse analisado no presente artigo sobre o sentimento de ter a vida arrastada pelo turbilhão da História.

A análise de outros textos nos permite reforçar essa tese. Ievguênia Guinsburg (que apesar do sobrenome não tem parentesco com Lídia Guinsburg) foi outra intelligent que deixou um escrito autobiográfico intitulado *Itinerário Abrupto*. Ievguênia Guinsburg nasceu em 1904 e morreu em 1977, em Moscou. Foi professora e jornalista, e em 1937 foi presa e mandada para os campos de trabalhos forçados. Sobre essa experiência escreveu alguns textos autobiográficos que circularam em Samizdat e foram publicados no exterior em várias línguas, mas que ficaram proibidos na URSS até 1989. Depois de regressar dos trabalhos

[22] "A guerra era o conteúdo básico daquele mundo, sua realidade total. A totalidade factual e psicológica daquela guerra não permitia ao escopo evadir daquela situação, algo que guerras anteriores permitiram. Qualquer um que não estava diretamente envolvido sabia (independentemente dos argumentos) que ele tinha sido tolhido da realidade comum. Ele podia, é claro, considerar a sua própria vida mais importante do que a realidade histórica, mas ele sabia que a escolha já tinha sido feita"

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

forçados, Guinsburg conseguiu publicar alguns textos, mas não foi aceita na União dos Escritores Soviéticos nem viu suas principais obras de memórias publicadas na URSS.

Itinerário Abrupto é sobre o período da sua vida que compreende a sua prisão e sua rotina nos campos de trabalhos forçados, que totalizaram dezoito anos da sua vida. Ievguênia Guinsburg era uma professora universitária e jornalista comunista, casada com um secretário do partido comunista, que viu sua vida ser revirada de cabeça para baixo na época dos terríveis expurgos stalinistas. Acusada injustamente de ser uma "traidora do povo", mais especificamente uma agitadora trotskista, ela, que sempre fora obediente ao partido, foi absorvida no ano de 1937 por um processo de características kafkianas que resultaram na sua condenação, prisão e exílio e, consequentemente, na destruição da sua vida profissional e familiar.

A história de Ievguênia Guinsburg é a história de muitos dos seus compatriotas, um destino comum a todos que atravessaram o período do stalinismo. Na sua obra, ela opta pelo procedimento tradicional da narração em primeira pessoa e pela identificação entre autor/narrador/personagem. Mas, mesmo nesse caso, não há muito espaço para a sua subjetividade, e seu objetivo, assim como no texto anterior analisado nesse artigo, é registrar uma experiência coletiva, compartilhada. Um exemplo disso é a maneira como ela conclui sua narrativa. A última linha das suas memórias é a seguinte: "Here, then, is the story of an ordinary communist woman during the period of the 'personality cult'" (Ginzburg, 1995:417)[23]. Portanto, ela não conclui sua obra com uma indicação de que se trata da história da sua vida, mas da história de uma mulher comunista entre tantas outras que vivenciaram o terror stalinista.

Em muitos trechos da sua obra, Ievguênia Guinsburg aponta a sua "despersonalização" no decorrer desses 18 anos de sofrimentos terríveis nas mãos inquisidoras do Estado. Por exemplo, em um momento da narrativa onde ela é interpelada por outra condenada que pergunta para ela "quem é você?", à personagem-autora ocorre o seguinte pensamento:

> When she asked who I was and what I did, I could not reply at once. Until today I had been 'cell 3, north side'. Finally I told her my name and said I had been a teacher and Journalist. As I heard my own voice I felt bewildered, as though I were speaking of someone else. Could it really be me? A girl at Butyrki called Sonya used

[23] "Eis aqui a história de uma mulher comunista comum durante o período do 'culto da personalidade"

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

> to reply to questions about her past: 'it was long ago and it never happened anyway (GINZBURG,1995:78)[24].

Trata-se da mesma ideia desenvolvida por Lídia Guinsburg em suas *Notas*, quando ela afirma que a experiência da guerra e do cerco encerra tudo em si mesmo e não abre espaço para as preocupações individuais. Na obra de Ievguênia Guinsburg, a realidade do cárcere é tão contundente e centrípeta que anula o passado, as individualidades e suas respectivas identidades. A mesma ideia reaparece quando ela é mandada para outro campo de trabalhos forçados e quando a personagem se depara com uma multidão de condenados maltrapilhos voltando da jornada de trabalho. O grande choque que a acomete advém da sua incapacidade de discernir os homens das mulheres naquele grupo de pessoas brutalizadas pelo frio e pelo trabalho estafante: "So that was what we could expect here in Elgen – we who had already lost our professional standing, our rights as party members and citizens, and our families, were to lose our sex as well" (Ginzburg, 1995:397)[25].

Por ter sido presa com trinta anos e libertada beirando os 50, em muitos momentos do texto aparece uma queixa decorrente da perda da juventude e da degradação do corpo, que é um aspecto também presente em Lídia Guinsburg. Portanto, os dois textos enfatizam as marcas (e deformações) que as experiências históricas deixam nos corpos dos sobreviventes. Ievguênia Guinsburg, em um trecho de *Itinerário,* escreveu: "Was this a conspiracy of all the demons in hell to turn me from a thirty-year-old woman into an old crone of a hundred and make me say, with Herzen: 'everything is destroyed, the freedom of the world and my happiness" (Ginzburg, 1995: 93).[26]

Mas sob os escombros da destruição total sobreviveu o desejo de repassar esta história adiante. Sobre a responsabilidade de narrar escreve ela:

> My pain that night was so great that it brimmed over into the future and reaches me today when I write of it after twenty years. But I must force myself to write. As Vera

[24] "Quando ela perguntou quem eu era e o que eu fiz, eu não pude responder de imediato. Até hoje eu tinha sido 'cela 3 lado norte'. Finalmente eu disse a ela meu nome e falei que já fui professora e jornalista. No momento em que eu escutei minha própria voz me senti perplexa, como se eu estivesse falando de outra pessoa. Poderia ser realmente eu? Uma moça de Butirki, chamada Sônia, costumava responder às questões sobre seu passado assim: 'isso foi há muito tempo e de qualquer maneira nunca aconteceu'

[25] "Então era isso que nós poderíamos esperar aqui em Elgen – nós, que já tínhamos perdido nossas posições profissionais, nossos direitos como membros do partido e como cidadãos, nossas famílias, estávamos prestes a perder nosso sexo também".

[26] "Era isto uma conspiração de todos os demônios do inferno para me transformar de uma mulher de trinta anos em uma velha encarquilhada de cem e me fazer dizer, com Herzen: 'tudo foi destruído, a liberdade do mundo e a minha felicidade'?".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

> Inber says, we must 'without self-pity or indulgence' tread these minefields of the mind. (GINZBURG, 1995:118, 119)[27].

Quanto à culpa, em um momento da narrativa ela escreve sobre a época em que trabalhou na cozinha do refeitório do campo de trabalhos forçados, lavando a louça que sobrava das refeições. Na realidade do Gulag, esse era um trabalho privilegiado por se dar em uma ambiente coberto (portanto abrigado do frio) e pela proximidade com a comida, sempre escassa para os condenados. Um dia um prisioneiro pede a ela um pedaço de pão para um condenado que estava literalmente morrendo de fraqueza. Antes de dar o pão, ela pergunta pelo nome da pessoa e descobre se tratar de um dos seus investigadores e responsáveis pela sua condenação. Ela hesita, mas acaba dando o pão sob a exigência de que o homem moribundo fique sabendo que foi ela quem forneceu esse pedaço de pão (uma forma de vingança). Ela então escreve:

> During the next few days I suffered terribly, not knowing whether he had died – Yelshin, the elegant major whose task it had been to offer the carrot while others plied the stick. What made me suffer was my own behavior. How could I have been so petty as to insist on his knowing my name, to poison the last mouthful of bread that he would eat in his life? How despicable of me" Surely in this inferno we were quits – our accounts were closed once and for all by his death, by a death like this! (GINZBURG, 1995:390)[28].

Ievguênia Guinsburg reconhece sua culpa estritamente pessoal, mas o fato dos seus atos se darem nesse "inferno" alivia um pouco a sua responsabilidade, afinal os atos praticados no "inferno" são de outra natureza se comparados aos atos praticados na vida ordinária. Além disso, seu comportamento pouco lisonjeiro nivelou-a ao seu algoz, e naquela situação absurda seu ato funcionou como um "acerto de contas".

"Inferno", "teia de aranha", "[...]an iron ring which was all the time contracting and would soon crush me" (Ginzburg, 1995: 31)[29] – estas são metáforas empregadas por Ievguênia Guinsburg para expressar a sensação de aprisionamento e ausência de saídas diante da situação dantesca e kafkiana na qual ela se viu enredada. Da mesma maneira que Lídia Guinsburg fala do cerco,

[27] "Minha dor naquela noite foi tão grande que transborda em direção ao futuro e me atinge ainda hoje enquanto escrevo sobre isso, vinte anos depois. Mas eu tenho que me forçar a escrever. Como diz Vera Inber, nós devemos 'sem autopiedade ou indulgência' pisar nesses campos minados da mente".

[28] "Durante os próximos dias eu sofri intensamente sem saber se ele tinha ou não morrido – Ielshin, o major elegante cuja função era oferecer a cenoura enquanto os outros fustigavam com a vara. O que me fez sofrer foi o meu próprio comportamento. Como eu pude ser tão mesquinha em insistir que ele soubesse o meu nome, para envenenar o último pedaço de pão a ser comido por ele em vida? Quão desprezível da minha parte! Com certeza, nesse inferno nós estávamos quites – nossas contas estavam fechadas uma vez por todas pela sua morte, por uma morte como aquela!".

[29] "[...]aro de aço que estava o tempo todo se contraindo e que iria em breve me esmagar".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

Ievguênia Guinsburg emprega todas essas metáforas para ilustrar a ideia de ser levada pelos acontecimentos à revelia da sua vontade e da sua atuação. A estas se soma a metáfora da bola de neve. É dessa forma que ela intitula o quarto capítulo da sua autobiografia, onde elenca algumas das acusações perpetradas contra si, dentre as quais a de associação com elementos perigosos (como já mencionado, ela fora acusada de tomar parte de uma conspiração trotskista que jamais existira). Ela também registra a cassação da sua licença para ensinar e na conclusão do capítulo escreve: But this of course was not the end. The snowball continued to roll downhill"(Ginzburg, 1995: 19)[30]. A bola de neve continuou a rolar arrastando Ievguênia Guinsburg junto com ela, retirando de suas mãos, por vinte anos, as rédeas da sua vida privada. E como ela mesma insiste em lembrar, esta não é apenas a história dela, Ievguênia Guinsburg, mas de inúmeras pessoas cujas vidas foram puxadas pela correnteza da História e violentamente desviadas do seu curso habitual.

Em síntese, uma leitura dos textos de Lídia Guinsburg e Ievguênia Guinsburg nos permite identificar o esvaziamento do indivíduo e a valorização da experiência comum compartilhada pelo grupo humano, que habitou um determinado lugar num determinado período e foi submetido às vicissitudes da história. Ou seja, nele desponta a sensação de ser atropelado pela história. A ideia de ter a vida influenciada pela história é "[...] a paradigmatic Russian story: the story of a man forged by history" (Paperno, 2009: 11)[31], que desponta nas autobiografias dessas mulheres do século XX, pois "[…] these authors present soviet history as a force that shaped, and deformed, their private lives and selves"(Paperno, 2009: 11)[32]. No presente esses textos transformaram-se em ricos documentos que nos permitem compreender a época soviética para muito além da memória oficial que o regime tentou erigir. Analisados em conjunto esses escritos autobiográficos são um exemplo claro de quando "a vida individual deixa a esfera individual da vivência, do *Erlebnis*, e alcança o horizonte da experiência coletiva maior, da *Erfahrung"* (Gagnebin, 2009: 138). Nesse caso o texto autobiográfico "perde seu caráter exclusivamente privado e se transforma no relato de um passado que não lhe pertence em particular, mas que também pertence aos outros" (Gagnebin, 2009: 139).

Abstract: In the 20th century, many traumatic events took place in Russia, like wars, political persecutions during the Great Purge, hunger, etc. Life writing was a tool that helped the Russia intelligentsia to face all these difficult situations. This article analyzes two autobiographical works written by Lydia Ginzburg and Evguenia Ginzburg. The first one

[30] "Mas é claro que isso não representou o fim. A bola de neve continuou a rolar montanha abaixo".
[31] "[...]uma história russa paradigmática: a história de um homem forjado pela História"
[32] "[...]esses autores apresentam a História Soviética como uma força que moldou, e deformou, suas vidas privadas e identidades".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.

describes the experience of surviving the Leningrad's Blockade, and the second one the experience of surviving imprisonment and Gulag on Stalin era. Both texts express the feeling of having the private life forged by History. The intelligentsia found in autobiographical writing a way to document and elaborate the experience of a shared and common past.

Keywords: Autobiographies. USSR. Intelligentsia.

REFERÊNCIAS

GALLE Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY Adriana; IZARA, Laura Zuntin (Org.) *Em Primeira Pessoa – Abordagens de uma Teoria da Autobiografia*. São Paulo: Annablume, 2009.

GINZBURG, Evgenia. *Journey into the Whirlwind.* New York: Harcourt Inc, 1995.

GINZBURG, LIDYA. *Blockade Diary.* London: The Harvill Press, 1995.

PAPERNO, Irina. *Stories of the Soviet Experienc*e. *Memoirs, Diaries, Dreams.* Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VAN BUSKIRK, Emily. *Recovering the Past for the Future: Guilt, Memory and Liidia Ginzburg's Notes of a Blockade Person*. *Slavic Review*, Vol. 69, N.2, Verão 2010, pp 281-05.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 16-30, jan./jun. 2019.
Recebido em: 27 set. 2019.
Aceito em: 12 abr. 2020.